

Publicações-experiências em A3

Laboratório de Curadoria

Organizadas pelos participantes

Bárbara Giacomet de Aguiar

Evangelina Galvão Scaletsky

Henrique Lukas

Juliana Biscalquin

Luana Saôri Tanno

Maria Beatrice Trujillo

Matheus Chiaratti

Odette Jeronimo Cabral Vieira

Raquel M. Lehn Hashimoto

Talita Trizoli

Thiago de Paula

Tomás Amaral

Verônica Farias

Realizadas como desdobramento do Laboratório de Curadoria, ocorrido no Galpão VB entre março e maio de 2016, coordenado por Sabrina Moura e orientado por Benjamin Seroussi, Galciani Neves e José Augusto Ribeiro. Com participações de Bárbara Giacomet de Aguiar, Evangelina Galvão Scaletsky, Henrique Lukas, Julia De Francesco, Juliana Biscalquin, Luana Saôri Tanno, Maria Beatrice Trujillo, Matheus Chiaratti, Odette Jeronimo Cabral Vieira, Raquel M. Lehn Hashimoto, Talita Trizoli, Thiago de Paula, Tomás Amaral, Vanessa Ogino e Verônica De Farias.

GALPÃO VB | ASSOCIAÇÃO CULTURAL VIDEOBRASIL

Espaço de exibição, reflexão, encontro e pesquisa, o Galpão VB foi desenhado para ativar a coleção de vídeo construída em três décadas de atividade da Associação Cultural Videobrasil. Com foco na produção do Sul global, o Acervo Videobrasil abrange obras que participaram do Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil, trabalhos doados por artistas, obras-chave da videoarte internacional, registros de performances, testemunhos, documentários, publicações e documentos, num total de quase 10 mil itens.

Inaugurado em 2015, o Galpão VB é o primeiro equipamento com programação de artes visuais da Vila Leopoldina, zona oeste de São Paulo, e abriga exposições, programas de filmes, seminários, cursos e oficinas, residências artísticas e laboratórios de criação e reflexão. Assim, vem tornar mais constante a relação de encontro e troca com a comunidade de artistas, curadores e pesquisadores, tão valorizada pelo Festival, além de colocar o acervo em contato permanente com o público.

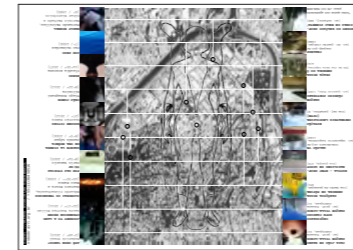
O papel do curador vem mudando nos últimos anos. Surgiram novos formatos de curadoria, mais abertos e em diálogo com outras esferas da cultura. Do trabalho de campo com artistas à edição de publicações, passando pela formação de coleções e a concepção de programas educacionais, a prática curatorial se expande para além do formato da exposição. Pautadas por uma condição experimental, tais práticas inspiram a proposta do Laboratório de Curadoria desenvolvido entre março e maio de 2016, no Galpão VB. Ao longo de três meses, compartilhamos textos, inquietações e maneiras distintas de se fazer curadoria hoje.

Dessas experiências surgiram esse conjunto de pequenas publicações. Com perfis diversos, a maior parte dos participantes do Laboratório se organizaram em sete grupos. Cada grupo desenvolveu um projeto no espaço limitado de uma folha A3 e em um tempo limitado. Esse exercício prático funcionou como ferramenta para aproximar os participantes e gerar conversas críticas, ao mesmo tempo em que serviu para produzir um rastro das questões levantadas durante o Laboratório. Enquanto alguns grupos desenvolveram propostas inéditas, outros revisitaram projetos nos quais já trabalhavam, mas todos tentaram dividir suas inquietações com os possíveis leitores.

Os participantes resolveram, na sua maioria, olhar para a cidade - seja ela sonhada, distante, outra, próxima ou desaparecida - para entender as relações das práticas artísticas com o contexto urbano, destacando os múltiplos sentidos da palavra "contexto" e propondo outras percepções do nosso entorno. Em épocas de forte instabilidade política, dois projetos tocaram as heranças da ditadura hoje e a presença do racismo e da homofobia. O conjunto dessas não pretende alcançar nenhuma coerência mas aponta para possíveis pistas a serem trilhadas.



Odette Jeronimo Cabral Vieira
Raquel M. Lehn Hashimoto



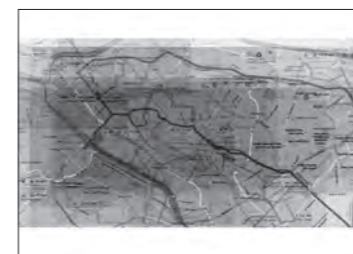
Henrique Lukas
Verônica Farias



Matheus Chiaratti
Maria Beatrice Trujillo



Tomás Amaral



Bárbara Giacomet de Aguiar
Evangelina Galvão Scaletsky



Thiago de Paula



Juliana Biscalquin
Luana Saôri Tanno
Talita Trizoli



Nas panorâmicas de Juca Martins em *São Paulo Capital* a memória contemporânea da capital paulistana, imagens da arquitetura e da vida, a cidade limpa.



E, Wesley Duke Lee com a *Paranóia* de Roberto Piva.



Mais recentemente, *David Zingg: imagem por imagem*, uma coletânea de cor e luz dos letreiros luminosos, símbolos de uma época. Zingg expôs uma parte da cidade na década de 1950/1960, a pitoresca Vila Itororó - naquela época o antigo palacete havia se tornado um cortiço e a vila uma casa simples com seus varais de roupas.

Organização: Odette JC Vieira; Raquel M. Lehn Hashimoto
 Comunicação visual: Estúdio Kelly Polato
 Créditos: imagens Acervo IMS
 Agradecimento: Galpão Videobrasil

As imagens da cidade de São Paulo ocupam lugar fundamental no acervo do IMS. Foi com imagens de São Paulo que o IMS inaugurou o seu centro cultural paulistano em janeiro de 1996, agora prestes a encerrar sua participação na vida cultural da cidade em razão da construção de um centro cultural moderno na avenida Paulista.

No decorrer destes 20 anos, o centro cultural de Higienópolis abrigou exposições marcantes. Os registros fotográficos apresentados em diferentes exposições permitiram ao público visitante contemplar momentos do forte processo de transformação pela qual passou a cidade de São Paulo a partir do século passado. Revisitada nesta mostra, encerra um ciclo que com seus registros preciosos contribuem para manter preservada a memória da cidade.

Uma cidade em exposição: São Paulo



Nos idos de 1826, William Burchell registrou com seus desenhos e aquarelas uma cidade colonial, modesta e destituída de recursos, uma capital carente de beleza, edifícios, a vegetação cercava os viajantes. As imagens de Burchell fizeram parte do núcleo São Paulo e seus habitantes na exposição *Destaques do Highcliff Álbum 1825-1826*.





A cidade passou por intervenções. *São Paulo de Vincenzo Pastore*, em 1997, trouxe imagens inusitadas da cidade no início do século XX, ainda um burgo, a multidão de italianos natos que compunham mais de 40% da população da cidade e a mistura incrível de nacionalidades e seus tipos populares, vendedores de vassouras, mulheres comerciantes de verduras no antigo mercado municipal e meninos engraxates jogando bola de gude em momento de folga.



Hildegard Rosenthal em *Cenas Urbanas*, uma capital progressista com momentos nostálgicos, imagens como do padeiro subindo a Avenida Angélica em direção a Avenida Paulista ou do homem em movimentação semelhante a um balé na avenida São João e ainda a feira de flores no largo do Arouche.



Início do século passado, Guilherme Gaensly captou importantes registros que documentam as transformações da paisagem urbana resultantes das obras de infraestrutura na cidade. Valendo-se do seu olhar estético, característico da sua fotografia, a mostra expôs imagens do rio Tietê como local de lazer e a colocação de trilhos de bonde.



O mundo de Alice Brill década 1950, trouxe imagens da nova cena urbana, áreas suburbanas com suas habitações mais simples, a cidade a caminho do quarto centenário, multidões na fila de ônibus no Anhangabaú, o cafezinho típico da cidade e crianças no Parque Buenos Aires.



Década de 1937, imagens de *São Paulo de Levi-Strauss* (exposição inaugural do espaço cultural), uma cidade com propensão a verticalização, de crescimento acelerado. Imagens da área urbana representada por avenidas, viadutos, edifícios e grupos humanos diversificados.



Madalena Schwartz em *Retratos* registrou, em suas andanças pela noite paulistana, travestis e transformistas e belas vistas noturnas da cidade.

CASA JOÃO DE BARRO
PARQUE VILLA-LOBOS
[av. prof. fonseca
rodrigues, 11]

ORQUIDÁRIO
RUTH CARDOSO
PARQUE VILLA-LOBOS
[av. prof. fonseca
rodrigues, 11]

PARÓQUIA NOSSA
SENHORA DE FÁTIMA
[rua barão da passagem,
9711]

ESCOLA - ETEC PROF.
BASILIDES DE GODOY
[rua quaipá, 678]

GALPÃO VB
videobrasil.org.br
[av. imperatriz leopoldina,
1150]

ESTAÇÃO
IMPERATRIZ LEOPOLDINA
[CPTM]
[rua maj. paladino, 8]

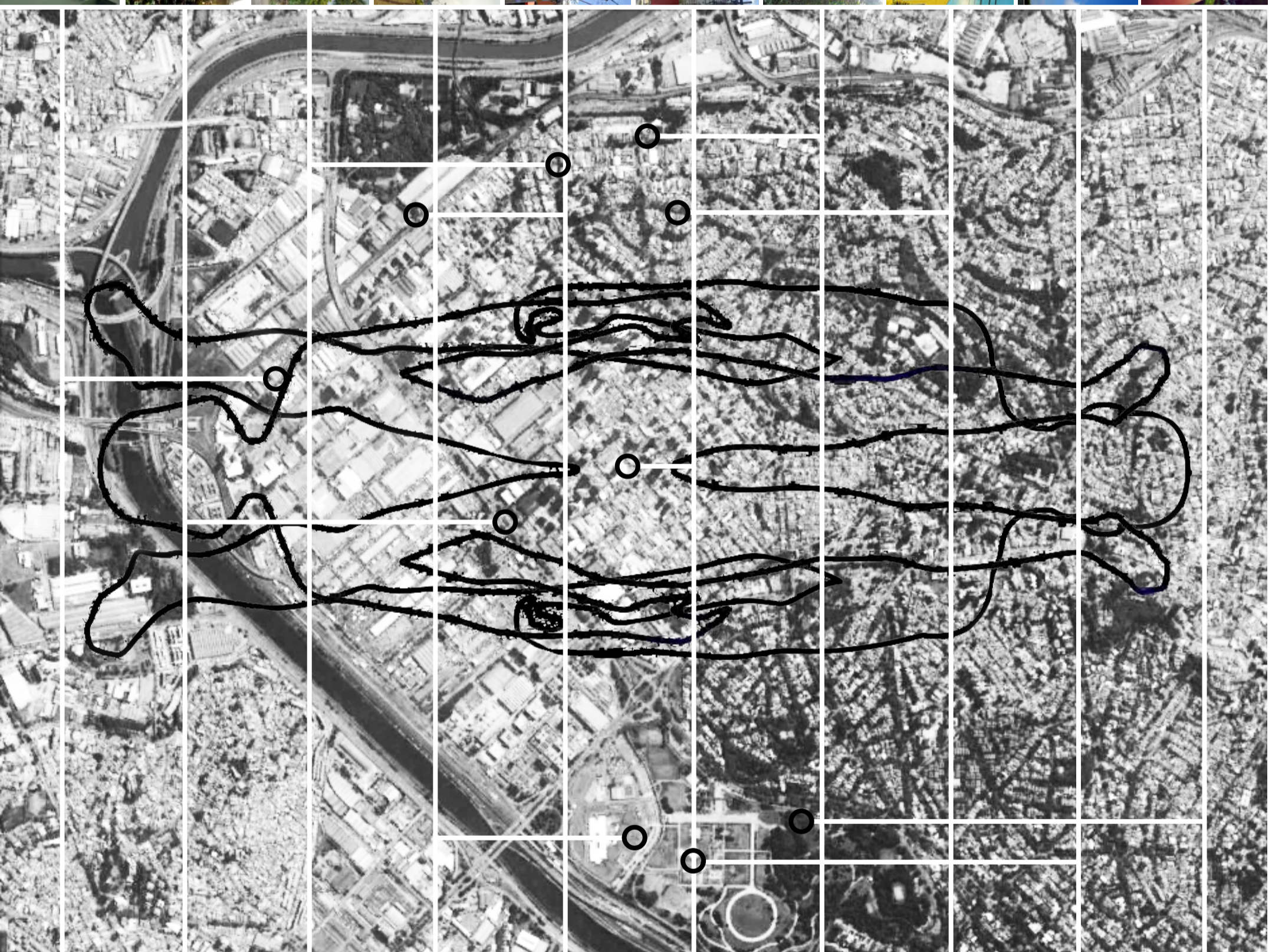
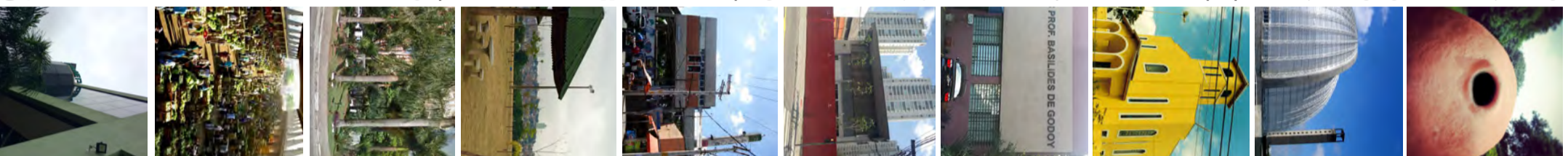
PARQUE
CÂNDIDO PORTINARI
[av. queiroz filho, 1365]

PRAÇA NOSSA
SENHORA DO Ó
[fim da rua bela nápoles,
s/n]

CEAGESP
ceagesp.gov.br
[av. dr. gastão vidigal,
1946]

MUSEU DO RELÓGIO PROF.
DIMAS DE MELO PIMENTA*
[av. mofarrej, 840]

*visitas apenas com agendamento
prévio: +55 (11) 3646-4000



ATÉ ONDE VAMOS?
Roderick Steel
[2,49" / 2010]

JOURNEY TO A LAND
OTHERWISE KNOWN
Laura Huertas Millán
[22,17" / 2011]

ILUMINAI OS TERREIROS
Eduardo Climachauska,
Gustavo Moura e
Nuno Ramos
[43,30" / 2006]

FIM DAS UTOPIAS
98/XP
Carlo Sansolo
[8,54" / 2005]

PERECE LA PIERNA
DE UNA MUÑECA
Jazmín López
[8,5" / 2006]

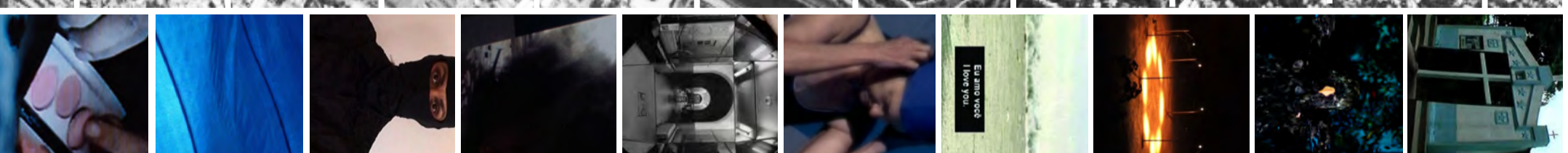
HIDDEN CITIES
Gusztáv Hámos
[27, / 2012]

CHÃO COMUM
Tiago Romagnani
Silveira
[8,22" / 2012]

MIEDO
Claudia Aravena
[14,30" / 2007]

SIN PESO
Cao Guimarães
[7, / 2006]

MARLY NORMAL.
Fernando Meirelles,
Marcelo Machado e
Olhar Eletrônico
[6, / 1983]







Recife, Cidade Lendária/choral Eu ando pelo recife, noites
sem fim/ Percorro b... sempre a escutar/
Luanda, luanda, on... preto a penar/ Re
cife, cidade lendária... benho cheirando a



banguê/ Recife de velhos sobra



se
ar/
fe
terreiro/ Recife dos ma-
meiro/ Responde ao que
piões?/ Onde outrora os
o sem plumas (Paisagem
como uma rua/ é passada
uma truta/ por uma espada./ O Rio ora lembrava/
11



mendigos negros./ Abre-se em mangues/ de folhas duras e crespos/
como um negro. An... equilibrada em cima do

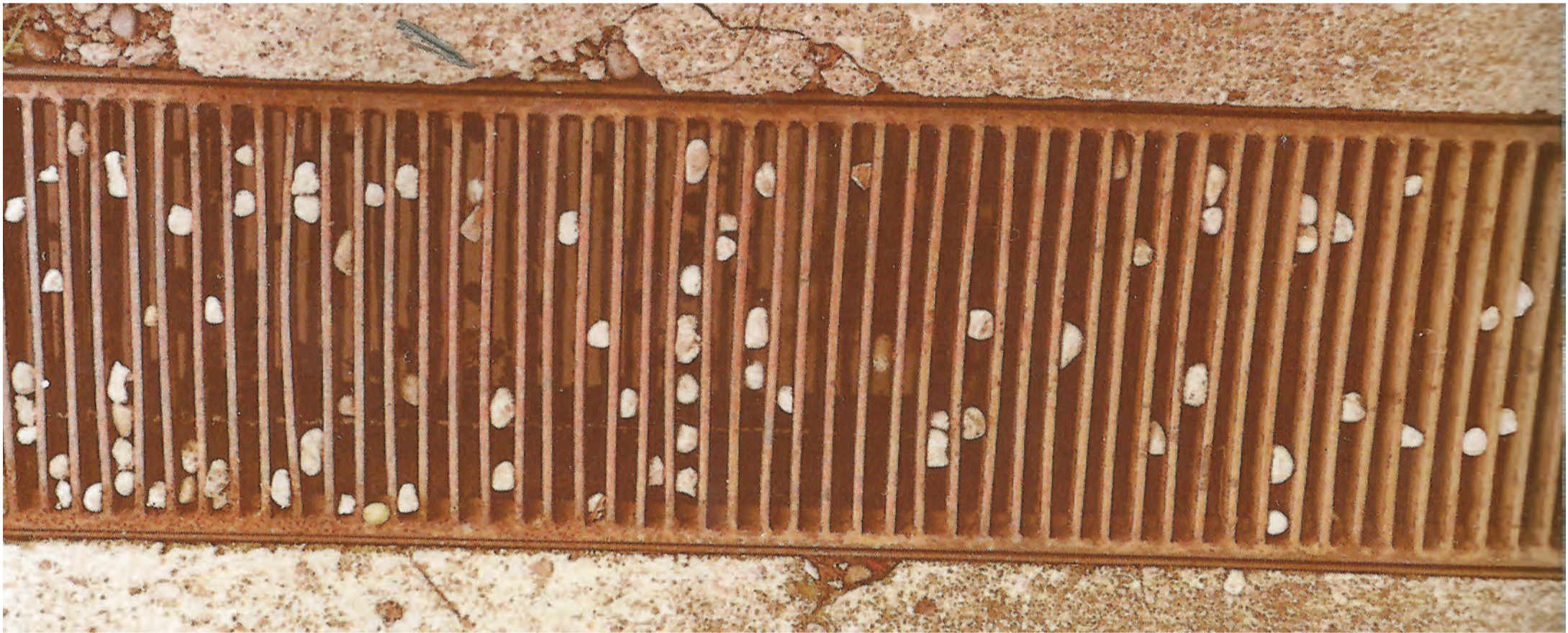


corpo/ Escutando o



ha... a
ciã... e/
tã... ra
No... e
cir...
ter...
da...
car...
em...
tenar boa vibrações/ Prec...
ou, sou, sou, sou Manguieboy/ Recife, ci-
Or... é a insurreição/ onde estão os homens
stuma sair de andada/ No meio da rua,
equilibrar sua cabeça em cima do corpo/
Procure antenar boas vibrações/ Procure antenar boa diversão/ Sou,

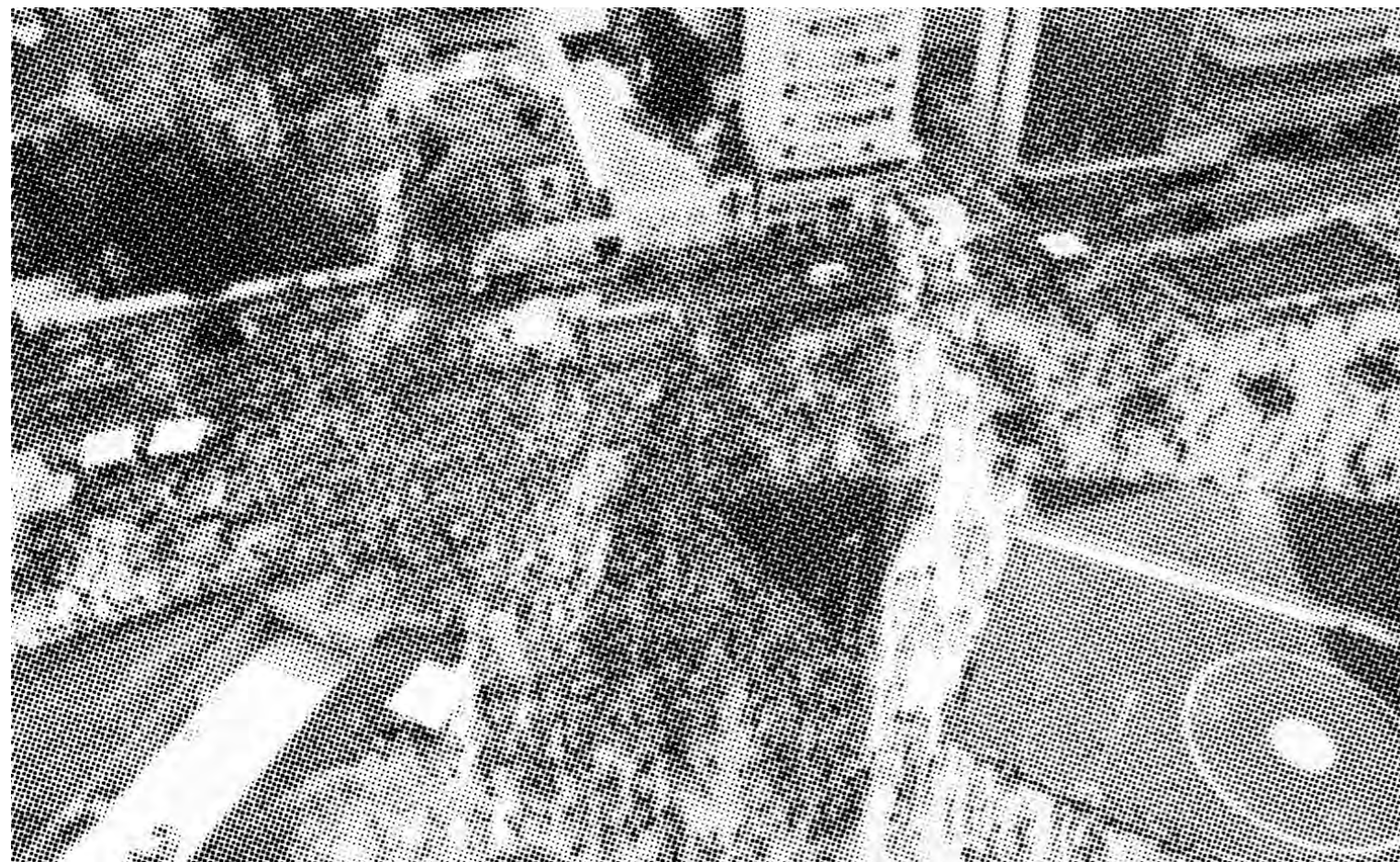
11



carregava por volta de vinte pessoas, o que foi suficiente para ligar o som o em alto volume e começar uma confraternização. Os passageiros sacam cadernos e canetas e passaram a produzir pixos, grafismos, e nomes que são trocados como uma forma de aliança. Olhando pela janela filtrada pelo vermelho, as empenas dos prédios como suporte desses mesmos nomes nos fazem refletir sobre o significado público dessa característica tão marcante da cidade. São artistas esses jovens que trocam desenhos? Não se trata de investigar a capacidade da linguagem? Os grafismos criados nos muros e prédios são demarcações públicas assim como o Teatro Municipal e indicam uma aliança, uma representatividade daqueles que não se sentem representados e certamente por isso também evidentemente mais agressiva. Eis uma questão para a relação pública de uma de uma obra de arte: ela admite o conflito. E nesse caso é disso que se trata, de um confronto daqueles que são marginalizados e transportados como carne de casa ao trabalho por sobrevivência contra o sistema que lhes impõe essa situação e que se materializa mais diretamente na própria cidade. Não poderia ser mais natural, sendo a cidade exatamente esse lugar de resolução de conflitos, a começar pela troca. A resolução desses conflitos muitas vezes denuncia uma cultura de vencedores ideais, bem verdade sempre tiveram méritos mais antigos que si mesmos, que suprimem a história dos vencidos, os sobreviventes, os que desde o início da humanidade, escrevem em muros para não serem esquecidos.

O ônibus segue para a Consolação passando pela Praça Roosevelt que em um intervalo de quatro anos desde sua reforma conseguiu mais do que reverter seu estado de decadência, voltou a ser um polo cultural importante da cidade. Assim que voltou a ser habitada a praça, pela simples vantagem de não ser gradeada, absorveu a dinâmica noturna que reviveu os bares e teatros (apesar do aumento dos aluguéis). Não apenas isso, mas é também um importante ponto de encontro social e político desses últimos anos. Cru-

zando toda a praça por suas escadarias é notável a presença dos skatistas que conquistaram seu espaço por memoráveis conflitos, a escadaria dos bares lotada em todos os *happy hours* e como sempre a ronda da Polícia Militar e Civil sempre falsamente median-do os conflitos. No outro lado da praça, na Augusta, logo ao lado da delegacia policial se desenvolve o **Slam da Resistência**. Um Slam é um espaço público em sua essência. Em diversos pontos da cidade e do planeta essa prática serve de plataforma para a poesia falada de artistas independentes. O Slam da Resistência se inicia pela apresentação dos anfitriões que selecionam de uma plateia livre um júri que contará a pontuação das notas de cada performance e o vencedor será celebrado sem nenhuma premiação material. Em São Paulo, encontros como esses frequentemente funcionam como agentes sociais de enorme potência para as populações marginalizadas. A poesia mostra ser uma ferramenta de comunicação autônoma por partilhar de uma linguagem e de temáticas que juntos delimitam uma cultura. Assim como a cultura Hip Hop ou Punk, essa tendência canta o dia-a-dia e imediatamente ganha um peso político apenas pelo fato de tratar de assuntos que geralmente são evitados. Se a poesia concreta, para invadir a realidade, assume o espaço do papel, aqui o papel desaparece, fazendo com que a poesia se apoie um pouco no teatro e evidentemente na tradição do *rap*. A linguagem coloquial é explorada com maestria em sua sonoridade e sentido. Poetas e poetisas interpretam em três minutos seus textos ferozes que tem como elo comum a revolta e o empoderamento daqueles que sofrem a realidade dos vencidos, rasgam rapidamente pelas palavras como se o tempo não fosse suficiente para tudo que querem dizer. E talvez não seja mesmo. São poemas como sermões, para serem lidos em voz alta em praça pública. Para serem preservados na memória oral, caso queimem nossos livros, mas que seguirão servindo como resistência do espírito público da arte.



Circuito Público por Tomás Amaral

Um passeio pelo centro da capital paulista é um bombardeio de estímulos sensoriais muito particulares. A vivacidade das cidades brasileiras, com suas cores, sons e cheiros, é um fato reconhecido e São Paulo não é diferente nesse aspecto. Esse passeio mostra uma ampla variedade de experiências da cidade, trazidas por pessoas de todas as regiões se deslocando diariamente e enchendo como maré todos os espaços da cidade. O centro de São Paulo é apoteótico e intenso como a afluência dos rios que formam o Anhangabaú, um vale de águas salobras temidas, um território transformado por quase três séculos de ação humana, tanto física como simbólica. Um balé de formigas trabalhadoras e rainhas que em seus conflitos fazem do espaço público palco e plateia de um espetáculo social.

De frente para o **Teatro Municipal** muitos tempos se sobrepõem e entende-se todo esse espaço como um marco, um monumento ao avanço sobre o temido e infectuoso Anhangabaú. Dali em diante os paulistanos ocupam os morros da zona oeste principalmente com residências para a elite cafeeira que agora se urbanizava. Um palácio cultural para o entretenimento dos conquistadores de terras, bandeirantes e todos aqueles que guardam os títulos de proprietários e vencedores. Contornando o teatro em direção Praça Ramos, lentamente, de forma a não colidir no intenso fluxo e ainda manter a atenção às minúcias que tomam parte nesse espaço. Mendigos, músicos, protestos, anúncios, pregação e policiamento. Chegando ao topo da praça – o monumento a Carlos Gomes. Dali percebe-se o caráter construído, artificial até, de todo o complexo construído do teatro, o viaduto, a praça do Patriarca, que são na verdade a engenharia domando a natureza e a arquitetura dando caráter simbólico e público ao território. Pensando sobre o que essa monumentalidade celebra pode-se concluir; a noção pública é consequência da monumentalidade, como simbologia coletiva, mas existe na sua estética *decó* um elemento utópico de uma estética oficial pela “arte total”. Trata-se da arte como uma ferramenta para demarcar um espaço público, entendido como uma propriedade do estado, que representa os valores da elite mímica da cultura estrangeira que aqui se encontra(va). De alguma forma é bom ver todo esse lugar um pouco profanado, envolto em verdades nem sempre fáceis de engolir. As pichações na lateral do próprio teatro, o lixo revirado, a mendicância e o trabalho do cantor popular ao piano, as *tags* sobre o pedestal que transforma em arte o Carlos Gomes. Os chinelos de Villa Lobos em 1922. As qualidades públicas da obra dos engenheiros do escritório de Ramos de Azevedo transbordam seus desenhos. O tempo fez o seu trabalho transformando os significados desse local.

Teatro Municipal (1911) - Escritório Ramos de Azevedo
O divisor (1968) - Lygia Pape
Gigante dobrada (1979) - Amílcar de Castro
O que é arte? Para que serve? (1973) - Paulo Bruscky
Carne (2006) - Carmela Gross
Slam da Resistência (toda 1ª segunda-feira do mês, desde 2013)

1

Em um sábado de manhã esse lugar se transforma. Com o comércio funcionando, mas sem o intenso fluxo corporativo parece até mais amplo. O serviço de limpeza lava as ruas com um sentimento de fim de festa. Alguns moradores das marquises esperam sua hora de levantar-se e procurar outra “festa” enquanto os funcionários da limpeza esguicham a escadaria do teatro como se essa fosse um palco e tudo aquilo uma comédia satírica diariamente em cartaz. As ruas tão vazias e confortavelmente largas podem ser atravessadas sem olhar e o Viaduto do Chá caminhado pelo meio da pista. De ambos os lados, norte e sul se apreende o Vale como um território dominado, uma cicatriz de operações cirúrgicas em meio uma multidão empilhada que sobre vê ao mesmo tempo incrédula e desinteressada. De cima do viaduto se vê algumas pessoas reunindo-se no Anhangabaú. A aglomeração instantaneamente começa a causar curiosidade em algumas pessoas ao redor. Uma mãe que fala ao telefone descuida de suas filhas que são atraídas pelo tecido branco que se desdobra. A medida que o grupo de curiosos cresce se torna possível desvendar a dimensão do artefato. **O Divisor**, de Lygia Pape, figura central do neoconcretismo, em uma proposta de participação contra uma ideia de público contemplativo, mas por um público ativo, essencial para a concretização do trabalho. Enquanto inicialmente três pessoas se dividiam, duas desdobrando e outra propagandeando o evento, agora essas três se dedicam ao objeto e outras seis a reunir pessoas. Com trinta pessoas foi possível abrir todo o tecido revelando um diâmetro de pouco mais de vinte metros e alguns duzentos buracos espalhados por todo o tecido. Vinte poucas pessoas se foram então procurar mais participantes enquanto outras continuaram por ali, também propagandeando a ação. Por volta do meio dia começou-se a organizar a entrada de umas cento e vinte pessoas no Divisor.

Tudo se inicia com um mergulho em um mar branco. A luz transpassa filtrada pelo tecido e algumas pessoas passam abaixadas, todas procurando um dos buracos onde emergir a cabeça. Finalmente na superfície, é necessária uma estabilização do conjunto, a ocupação das bordas para delimitação das fronteiras desse corpo. Aos poucos os participantes tomam consciência de si e arriscam pequenos movimentos, desenvolvendo algum nível de coordenação necessária para eventualmente deslocar-se pelo Anhangabaú como uma ameiba que dispara vetores e disso equaciona seus movimentos. A simbologia desse evento é forte e simula a própria esfera pública do convívio e da partilha. Quando foi concebido, esse trabalho era uma afronta direta a um sistema que reprimia qualquer agrupamento suspeito e isso explicita seu significado. Enquanto correm de um lado para o outro, todas vestidas com uma mesma roupa, as pessoas que se voluntariam gozam de um êxtase particular, obtido pelo fenômeno de dissolução do indivíduo em uma multidão. O público aqui é visto tanto como um dos alicerces para a concretização da obra, mas também como um estado a ser atingido por meio da participação dos indivíduos, formando um corpo uno, uma massa popular. Do Alto do Viaduto do Chá, parece que o Divisor se propõe a dividir aqueles que se aventuram em uma experiência de massificação consciente daqueles que o fazem alienadamente.

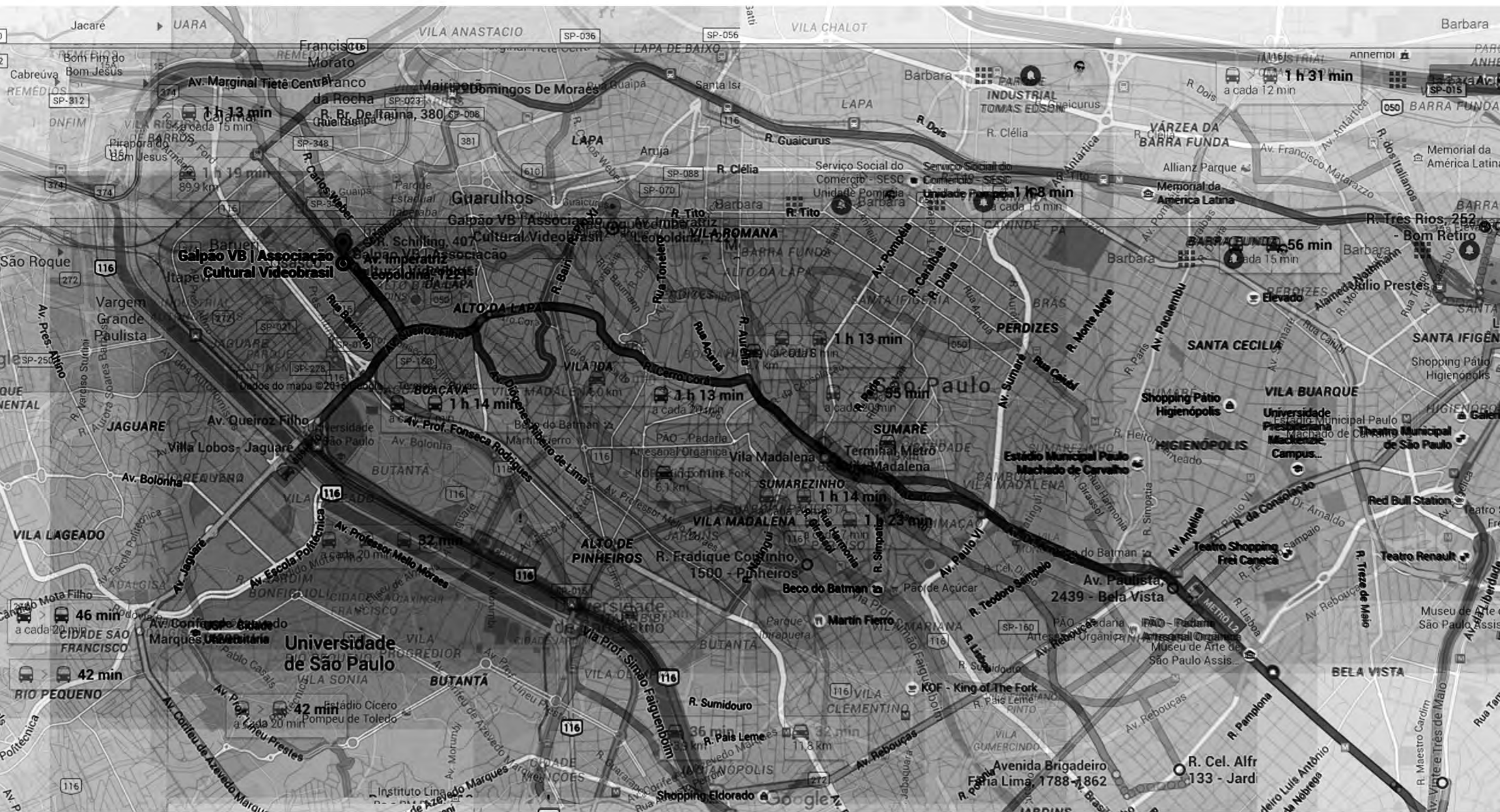
Tudo se fecha as quatro da tarde. E o caminho de volta de muitos envolve a Sé, o marco zero da capital. Um dos três pontos de fundação da cidade, o largo que não mais se vê. Hoje o metrô domina toda a dinâmica do espaço, a estação como esse grande joelho dos fluxos de São Paulo alterou muitos significados desse lugar. Nos anos setenta todo um quarteirão foi abaixo, onde escavou-se



a estação e ao térreo devolveram um jardim de esculturas o qual poderia atribuir certa monumentalidade ao complexo subterrâneo. Dentre as esculturas selecionadas, a **Gigante Dobrada** de Amilcar de Castro. Um dos belos frutos dos procedimentos de corte de dobra desse artista que, como Pape, faz parte do movimento concreto brasileiro. Sem grandes problemas podemos entender essas peças como monumentos públicos, apesar de não possuir significado histórico que possa ser reconhecido. Na verdade, trata-se de uma criatura viva, que habita aquela praça como tantas outras. A grande chapa de aço corten, de pé em suas próprias pernas se impõe ao tempo. E oxidará por muito mais que viveremos para ver. Poucas pessoas se detêm a olhar a Gigante. Assim como poucas pessoas se detêm a olhar todos seres que habitam esse jardim. A autonomia da escultura lhe dá a empatia de um comum, porém as pernas desse Gigante não podem se mover e ficarão para sempre como anciões desse jardim, para todos aqueles que despuserem seu precioso tempo com um velho sábio e louco morador de rua.

Em uma segunda feira, na rua 7 de Abril, uma das afluentes do Anhangabaú, o comércio é pujante. A estreita rua é dominada por pedestres e em uma leve curva liga o Vale a Praça da República. Toda essa região do centro, tanto a leste como oeste do Vale, são áreas que evidenciam o caráter mercantil da vida urbana, a cidade como fenômeno de troca, que de forma muito minoritária abriga residentes formais e proprietários. Em meio ao formigueiro que pouco permite espaço ao ócio, um homem barbado em frente a Nova Barão com uma placa pendurada no pescoço perguntando: **O que é arte? Para que serve?** Originalmente feitas por Paulo Bruscky nas ruas de Recife, são perguntas que valem milhões de dólares se respondidas corretamente na hora certa. Mas para Bruscky não havia hora, muito menos resposta correta, pois a própria pergunta lhe satisfazia como ato de liberdade. Expressar assim como todos os “compro ouro” sua mensagem ambulante. O homem então circula um pouco por dentro da galeria, senta-se por um instante. Algumas pessoas haveriam de pensar quão desocupado seria aquele homem, insano talvez, pois não viam razão alguma para se ocupar o tempo dessa maneira. O homem segue pela rua, entra em uma loja de sapatos e calmamente adentra a vitrine. Ele passa a ser mais notado, chega a causar risos. A alegria dura pouco, logo um funcionário pede que ele se retire, o que é feito. A dúvida paira no ar. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu; quem era essa pessoa, o que queria? Essas perguntas se somam às do cartaz com uma certa redundância. O fato ali exposto foi tanto uma pessoa, quanto uma obra que tenta ser mercadoria, mas como tal não possui valor pois, não “serve” para nada, nem obra, nem artista. Então o que valeu tudo isso, se não a própria capacidade de expandir nossos pensamentos por meio da pergunta? Um valor que não se traduz em preço, mas que é respeitado na arte por seu caráter público. O conhecimento e o domínio da linguagem como um bem público gerado pela produção artística e cultural.

Chegando até o final da rua, na Xavier Toledo, um ônibus espera em uma vaga emprestada do sistema oficial. Seu itinerário indica **Carne** e ele é inteiro forrado de adesivos de vinil em tonalidades vermelhas. O ônibus de Carmela Gross de volta de suas viagens pelo interior do estado parece estar proporcionando experiências urbanas. Dentro do ônibus sem acentos alguns jovens aventureiros aguardam a saída do coletivo. Quando parte para um destino incerto, mistura-se entre os outros ônibus agregando mais curiosos. Pessoas atraídas pelo vivo vermelho da carne. Quando o ônibus atingia o Largo do Paissandú já



1 h 13 min
a cada 15 min

1 h 19 min
89,9 km

Galpão VB | Associação Cultural Videobrasil

1 h 14 min
a cada 20 min

1 h 13 min
a cada 20 min

1 h 13 min
a cada 20 min

1 h 14 min
a cada 20 min

1 h 23 min
a cada 20 min

1 h 31 min
a cada 12 min

56 min
a cada 15 min

46 min
a cada 20 min

42 min
a cada 20 min

42 min
a cada 20 min

36 min
a cada 20 min

32 min
a cada 20 min

133 - Jardim

Google

De onde falamos?

De um lugar no tempo ou de um lugar no espaço?

Eu passo aqui hoje, você amanhã... tempos que não se encontram. A interseção é geográfica: um encontro não-encontro.

"A linguagem desconfortável da fragmentação não oferece nenhuma solução *gestalt* fácil, as certezas do discurso didático são arrastadas na erosão do princípio poético".[1]

O sentido é também uma construção no outro, à posteriori, imprevisível, da ordem da garrafa jogada ao mar... Este texto, não pretende encerrar um ideia e nem abarcá-la no seu todo. Tampouco ser definitivo, ou dar sentido, mas abrir à produção de sentido. Talvez nem seja um texto, mas um exercício de imaginação, um punhado de pensamentos lançados à deriva.

O espaço mental não tem localização no interior do corpo, sua experiência figura na memória, reflexão, fantasia; também não tem tamanho, sua única dimensão literal é o tempo.

Onde estamos?

Daqui não falamos de canto algum se não de todos. O lugar onde se está no tempo ou no espaço, é fragmento de uma fragmentação maior, e de algum modo contém a falta de sua própria contenção. Falamos, no plural, também porque jamais estamos sós:

"Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem".[2]

Se nos constituímos também de outros e os lugares por onde passamos se constituem de nós e de outros, cada lugar é também um contato com um alguém. Camada sobre camada. Da sucessão de encontros em diferentes tempos, faz-se a memória do lugar, um lugar vivo. Cada um carrega consigo seus encontros e não-encontros, mas é no lugar que está o rastro de todos nós.

Às vezes é preciso um mapa. De afeto, de sentimentos, de caminhos possíveis e impossíveis. Outras vezes não.

[1] Robert Smithson, *Uma sedimentação da mente: projetos de terra*.

[2] Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*.

Lista de obras, artistas e referências:

Notícias de América, Paulo Nazareth
Linhas de Errância, Fernand Deligny
The mapping Journey Project, Bouchra Khalili
4 dias e 4 noites - 1970, Artur Barrio
Mobility device, Carmen Papalia
Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey - 1967, Robert Smithson
Floating Island - 2005, Robert Smithson
The mother of all journeys, Dinu Li
As cidades invisíveis, Ítalo Calvino
Walking is measuring - 2000, Richard Serra
Tilted Arc - 1987, Richard Serra
Cruz na América (mesa)- 1984-2004, Nelson Félix
Inserções em circuitos ideológicos - 1970-1976, Cildo Meireles
Present, continuous, past(s) - 1974, Dan Graham
Teatro do mundo - 1979, Aldo Rossi
Mile long drawing - 1968, Walter de Maria
Vertical earth kilometer - 1977, Walter de Maria
7000 oacks - 1977, Joseph Beuys
Um, nenhum e cem mil, Luigi Pirandello

eu gosto assim



Créditos: A imagem retrata Kgomotso e seu namorado e faz parte da série *Country Girls*, de Sabelo Mlangeni. Entre os anos de 2006 e 2009, Sabelo fotografou de maneira íntima a vida de comunidades LGBT's em pequenas cidades no interior da África do Sul.

Thiago de Paula Souza vive em São Paulo e pesquisa a circulação e apresentação de arte contemporânea produzida em diferentes partes do continente africano.

#Africaisnotacountry

Receitas para sobreviver em tempos de crise:

1) respirar fundo até sentir as costelas se abrirem. Há benefícios inestimáveis na prática de respiração antes de uma resposta atravessada ou um soco na cara;



Joana(s)



2) ao se sentar abra bem as pernas, deixe o vento circular na pele e sinta que está viva, antes de chutar voyeurs;



Joana(s)



3) lixe as unhas de forma angular e pinte-as de vermelho - garras precisam anteceder a cor da ferida;



Joana(s)



4) respire fundo novamente e grite de forma gutural, pois é preciso conclamar as fúrias ante o ataque;



Joana(s)



5) olhe fundo nos olhos do outro, qualquer outro, estale os dedos cinco vezes e sorria, mesmo que não queira/precise.



Joana(s)



Joana(s)



(Vestindo os filhos)

*Eles pensam que a maré vai mas nunca volta
Até agora eles estavam comandando
o meu destino e eu fui, fui, fui, fui recuando,
recolhendo fúrias. Hoje eu sou onda solta
e tão forte quanto eles me imaginam fraca
Quando eles virem invertida a correnteza,
quero saber se eles resistem à surpresa,
quero ver como eles reagem à ressaca (Tempo)*

